



COLHEITA DO COCO

Lacerda, F. Garicho de  
Costumes e Lendas da Zambézia  
Lisboa, 1925. Ed. do Autor.

### BATUQUES E INSTRUMENTOS MÚSICOS



**O**s cafres, apreciam a música e alguns são dotados de tão bom ouvido que reproduzem, nos seus tóscos e primitivos instrumentos, qualquer modita que lhes feriu o timpano ou de que mais gostaram.

Houve em tempos, em Quelimane, duas charangas, uma composta de pretos boçais que teve fama e ficou conhecida pela música da *Rampa*; feitoria da Companhia da Zambézia, no prazo Anguazi; e outra, naquela vila.

Em certas terras d'Africa e em missões ainda hoje se encontram algumas, constituídas pelos *filhos da terra*, como se chama aos naturais do país cruzados, com europeus, indianos ou pretos puros, de relativa instrução.

Essas charangas tocavam, regularmente, e eram regidas por músicos europeus.

Antes de entrarmos na apreciação dos seus instrumentos musicos, afigura-se-nos interessante falar dos célebres batuques que se ouvem em toda a parte da Zambézia, os quais servem para comemorar qualquer acto solene da vida alegre ou triste destes povos.

Os batuques são feitos de troncos de árvores secas e trabalhados pelo mesmo processo dos *pilões* destinados à limpeza dos mantimentos; mas aqueles tem as parêdes mais finas e são acabados com outro esmero, variando o diâmetro da boca consoante o som que devem produzir e, para que fiquem isolados do solo, apoiam-nos nuns pequenos pés de madeira. Cobrem-nos, com uma pele de boi ou de antilope e, na falta



UMA DANÇA DE GUERRA

destas, com uma de giboia, (sarro) ou lagarto da terra (penembe).

Antes de tocarem neles, afinam-nos, passando, ao de leve, a pele por cima do calor do fogo, repetindo a operação até que ela lhes dê o tom desejado. Colocam-nos depois em linha, amparados por um pau perpendicular a outros dois, cravados no chão.

O maior, que produz o baixo, ao centro, e os outros, gradualmente, até ao mais pequeno que dá o som de tiple ou de soprano.

São tocados com duas *baguettes* e, os menores, com as mãos. Os tocadores variam de idade, conforme o tamanho dos instrumentos. Mas nem todos os sabem tocar, porque só alguns estão aptos a desempenhar tão honroso como lucrativo modo de vida ideal para o pretó que não gosta de trabalhar; mas de cantar, tocar e dançar... (1)

Assim como na metrópole se dispensam atenções e cuidados aos músicos dos arraiais, fornecendo-se-lhes comida e bebidas, assim também os tangedores dos batuques são obsequiados e cercados de especial tratamento.

As suas músicas e cantares são como que repassadas duma certa tristeza e suavidade, a que não falta harmonia e quem as ouve, pela primeira vez, fica, em geral, muito bem impressionado.

E' costume colocá-los no centro das povoações, onde pretendem efectuar as danças.

A' reunião de muitos batuques chamam-se *zoma* e ao dançar, *ócheta*. Por seu turno, á maneira como são afinados varia, segundo o fim a que a *zoma* é destinada.

Assim para comemorar a morte de qualquer pessoa de familia, *matanga*, os instrumentos não são afinados ao calor do fogo para ficarem, como as caixas de rufo destemperados e, neste caso, não entram os mais pequenos. Mas, se o batuque é composto, apenas, de

---

(1) O que não admira, porque nas raças civilizadas, acontece o mesmo, dizendo-se amiudadas vezes: *trabalho é para o negro*.

mulheres *zómo dá muali*, ou *zoma d'aina*, os grandes não tomam parte neles, talvez, por serem difíceis ou custosos de tocar.

O batuque de que mais usam é o *metengo*, executado com todos os instrumentos em que figuram, homens (*mulubana*) mulheres, (*aiana*) rapazes (*apales*) raparigas (*namuali*).

Dantes estas danças faziam-se em qualquer dia da semana, mas hoje devido ao trabalho dos dias úteis



LUJELA — CULTURA DO TABACO NO RUO

em toda a Zambézia, realizam-se aos domingos que, em toda a parte, são consagrados ao descanso.

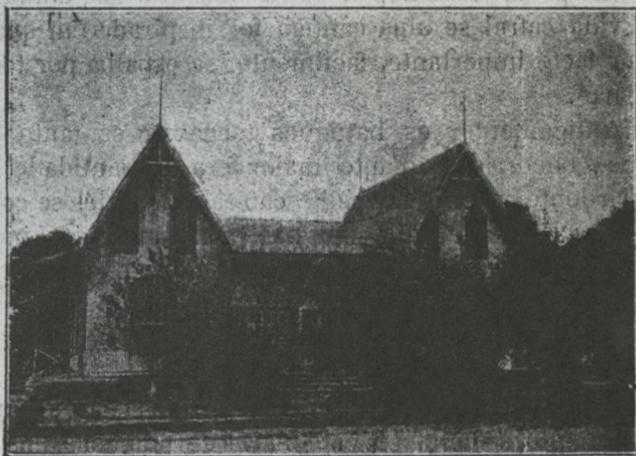
Os batuques são anunciados, com antecedência, afim de cooperarem neles não só as povoações próximas, mas, também, as mais distantes.

As mulheres vestem os seus panos mais chibantes, de côres alacres, ostentando adornos de missangas, gargalheiras de coral, pulseiras, etc.

Os homens trazem bons chapéus, camisas, panos ou calças e guarda-sois abertos. Os dançarinos dis-

tinguem-se por cingirem os rins com lenços de franjas e campainhas e, as mulheres, por ostentarem chocalhos nos tornozelos.

Antigamente usavam na cabeça, decerto por garridice e ignorância de significação entre os brancos, uns chavelhos de boi ou de qualquer antilope pequeno. (1) Quando os dançarinos são bons, algumas mulheres, em sinal de homenagem, avançam, indo-lhes



COMPANHIA DO BOROR — CASA DE ADMINISTRAÇÃO EM INHAMACUNA

ao encontro com a língua dobrada e batem com ela no lábio superior, dando gritos de alegria. Simultaneamente quasi, batem com os dedos da mão direita na bôca, ao que chamam fazer *Babaré* e deitam-lhes pitadas de terra sôbre os ombros.

Quando estes estão cançados, entram na roda e saiem outros, repetindo aqueles movimentos. E oca-

---

(1) Êste costume ainda hoje se vê na África do Sul, entre os que puxam os richshows.

siões há em que dançam dois e três pares ao mesmo tempo:

Alguns, já velhos e que mal se podem mexer, também, querem fazer o seu *pé de dança*, porque se lembram, com saudade, do tempo em que eram moços, o que não deixa de causar uma certa graça.

Há nos seus cantares variados uma certa harmonia e assim como entre nós, certas trovas populares fazem época, vindo depois outras substituí-las, também na vida castral se uma cantiga foi inspirada em qualquer facto importante, facilmente, se espalha por toda a parte.

Antigamente, os batuques tornavam-se tanto ou mais concorridos quanto maior era a quantidade de aguardente, pombe ou vinho cafreal que neles se consumia. Essa mixórdia tão nociva á saúde dos indígenas, era o vinho colonial que o Poço do Bispo exportava para as nossas colónias.

Hoje, porem, que não lhes é permitido beber, perdem os batuques a importância primitiva.

Coisa singular, nessas danças e folgares em que, geralmente, se juntavam centenaes de indígenas, nunca havia rixas ou brigas por maior que fosse o número dos bêbedos.

Nos batuques de guerra tivemos ocasião de ver verdadeiros dançarinos, ágeis como corças, com as cabeças adornadas de plumas ou capacetes velhos e vestidos de peles de macaco e de gazela. Traziam os rostos enfarinhados, um escudo de pele na mão esquerda, e, na dextra, uma zagaia ou machadinha. Corriam, de de um para outro lado, doidos, a berrar, como possessos, invocando a alma, (muzimo) de algum guerreiro conhecido e desafiavam a qualquer para se bater com eles.

Aceito o desafio, fingiam que se atacavam com as zagaias e, defendendo-se com os escudos, davam saltos, gritos e faziam cabriolas até que um, ficando cansado, ajoalhava aos pés do vencedor que, todo ufano e orgulhoso, simulava feri-lo, sendo, então, aclamado pelos assistentes.

A estas danças dava-se o nome de *pembeirar*.

Eram uns verdadeiros exercícios guerreiros, pare-



LUJELA — CHEGADA DA FOLHA E SECADOR DA FIBRA

cidos com os nossos antigos jogos de canajá em desuso.

Vamos, agora, descrever os principais instrumentos musicos que por lá vimos.

O mais antigo, complicado e harmonioso é a *marimba* que chega, com seus rouquenhos sons, a imitar os nossos órgãos. Compõe-se, de várias cabaças de abóboras compridas, grossas e delgadas, em cujas bocas, armam uma ordem de teclas de pau seco e delgado, sustidas no ar por cordas, de modo que cada

tecla fique, em vão, em cima de cada cabaça. Os sons dependem, naturalmente, da gressura que tiverem.

As cabaças são em número de 12 a 15 e dispõem-se por forma que as finas fiquem á esquerda, tendo cada uma delas uma boca redonda, junto da qual há um pequeno buraco.

Todas são armadas em arcos de madeira, presos por cordas finas de um metro e meio de comprimento e colocadas no chão obliquamente.

O tocador acocóra-se, em frente, munido de uma *baguette*, muito leve e que tem, na extremidade, uma espécie de botão feito de nervo para bater conjuntamente no teclado, afim de produzir sons harmoniosos que agradam mais de noite e que se ouvem a grande distância. Estes instrumentos hoje quasi que se não usam.

Há, porém, outras mais vulgares que são as *caçaças*, constituídas de uma pequena caixa de madeira fina, de tres dedos de altura e um palmo de comprimento, em cima da qual, como num cavalete de viola, estão nove vergas de ferro, mais largas que agulhas de colchoeiro, unidas umas ás outras, com as pontas para fóra e que ficam no ar.

Para obterem mais volume de som, uzam inete-las numa cabaça partida ao meio, resultando, por isso, duas resonâncias, a própria, e a do invólucro exterior. Néles abrem, em geral, á ponta de faca, desenhos alegóricos, representando casas, navios, crocodilos, etc.

Nisto mostram os indigenas uma habilidade inata para tudo que seja imitação.

Estas *caçaças* são tocadas com as extremidades das unhas dos dedos polegares, para cujo fim as deixam crescer e com os outros dedos seguram a cabaça, podendo, assim, andâr e tocar.

Não se ouvem tão longe, como os outros, mas quando, bem tocados, são mais suaves e harmoniosos do que a marimba e fazem lembrar uma viola.

Tocam-nos, geralmente, nas varandas das palhotas, enquanto que os outros, pelo seu tamanho, só nos terreiros existentes nas povoações é que podem ser tocados.

A rabeca cafreal é formada por tres tiras finas de pele de antilope retorcidas, colocadas ao centro de uma



LUJELA — COLHEITA DE MILHO

pequena cabaça e o arco, com diâmetro um forte barbante encerado, produz, ao roçar nelas, uns sons ásperos, desagradáveis. Torna-se, por isso, difícil executar nela, qualquer música por mais simples que seja.

O berimbau ou inhacatangala é muito simples e de sons tão agradáveis como o nosso. É um pequeno arco de caniço, com as extremidades ligadas por um fio, tendo, na parte superior, uma placa com umas conchitas ou contas, na falta daquelas. Molhando o fio com saliva,

colocam uma das extremidades entre os dentes e batem-lhe, ao de leve, com um pausito. Abrem e fecham a boca, produzindo vários sons que, juntando-se ás pancadas sonóras das conchas ou placas, dão um conjunto agradável.

E' só tocado pelos rapazes, tal como acontece com os nossos berimbaus.



LUJELA — CHEGADA DE MERCADORIAS

Usam, também, nas viagens, quando transportam macas ou cargas, umas cornetas «parazas» que são feitas das hastes viradas dos antilopes conhecidos por *pala-palas*, cujos sons são horríveis, sobretudo, se forem soprados com força.

Os seundás (chefes) das ensacas também fazem uso delas para reunir a sua gente, exatamente, como entre nós, ainda hoje, na provincia, se pratica para chamar os ranchos da azeitona, por meio de búzios.

## AS CERIMÓNIAS DE 'MUALI' E 'FANAÇÃO'



**N**a vida cafreal há duas festas importan-  
tíssimas, a que nenhum indígena, por  
mais pobre que seja, deixa de mandar  
os seus filhos, quando êles chegam á  
puberdade.

Se a festa é destinada ao sexo femi-  
nino, designa-se por *muali* e nela só  
tomam parte as raparigas púberes.

Para tal fim as que devem entrar nessas cerimônias,  
juntam-se, num sitio escondido, na floresta ou na palha,  
quando a região é de planicies. Previamente, os pais  
fazem-lhes provisórias acomodações, dispostas em cír-  
culo, com espinheiros e ramos em volta, servindo de  
abatizes, por causa dos animais bravos.

Ali estão durante duas semanas, nunca menos, afim  
de serem iniciadas, pelas madrinhas ou *molles*, em  
todos os actos das mulheres casadas ou futuras mães  
de filhos.

Ao fim dêsse tempo, saiem acompanhadas das ma-  
drinhas, vestidas com os seus melhores panos e ador-  
nos, os rostos enfarinhados, os olhos fixos no chão,  
(porque não podem encarar ninguem) e com uma pe-  
quena vara na mão direita, com que batem, compassa-